

SER E LINGUAGEM EM BAKHTIN: DIÁLOGOS COM A FILOSOFIA HEIDEGGERIANA

Pedro Henrique de Oliveira Simões¹
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Este trabalho investiga a compreensão bakhtiniana do ser como *acontecimento*. Seu objetivo é problematizar caminhos pertinentes para o estudo do sujeito, em produções discursivas, no âmbito da teoria dialógica da linguagem, que deem espaço a sua posição singular e irrepetível no mundo das ações concretas. Para isso, são traçados alguns dos caminhos epistemológicos do pensamento de Bakhtin, na obra *Para uma filosofia do ato*, colocando-o em diálogo com a fenomenologia de Martin Heidegger. O estudo sinaliza que, para o filósofo russo, a manifestação singular e única do ser, em sua ação concreta, presentifica-se mediante sua participação responsável no modo como vê e valoriza o mundo em suas produções de linguagem, na interação com os outros.

Palavras-chave: Ser; Linguagem; Bakhtin; Heidegger.

Abstract: This work investigates the bakhtinian comprehension of the being as event. Its goal is to problematize relevant ways to the study of the subject, in discursive outputs, in the scope of the dialogic theory of the language, which give space to its unique and unrepeatable position in the world of the concrete actions. For that, some epistemological paths of Bakhtin's thoughts are traced, in the work *Toward a philosophy of the act*, putting it in dialogue with Martin Heidegger's phenomenology. The study signalizes that, for the Russian philosopher, the singular and unique manifestation of the being, in its concrete action,

1. Graduando do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Pernambuco. Este trabalho resulta da pesquisa de iniciação científica *Filosofia ética da linguagem: a compreensão do Ser*, realizada através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFPE (PIBIC/UFPE), no período 2013-2014, sob orientação da Profª. Dra. Maria Cristina Hennes Sampaio.

makes present by its responsible participation in the way it sees and values the world in its language outputs, in the interaction with others.

Keywords: Being; Language; Bakhtin; Heidegger.

Introdução

A unicidade do “eu” se esconde exatamente no que o ser humano tem de inimaginável. Só podemos imaginar o que é idêntico em todos os seres, o que lhes é comum. O “eu” individual é o que se distingue do geral, portanto o que não se deixa adivinhar nem calcular antecipadamente, o que precisa ser desvendado, descoberto, conquistado no outro.
(Milan Kundera)

O filósofo russo Mikhail Bakhtin, em sua filosofia do ato, trilha os caminhos ontológicos de compreensão do ser como um *acontecimento singular*. Ser que não é encontrado no mundo da ciência, quando esta se propõe a generalizá-lo; ser cuja existência está no plano das ações concretas, orientado pela linguagem e nela instaurado, seja no mundo da vida, seja no mundo da arte; ser cuja singularidade é constituída na interação com o outro, desde seu nascimento. Como afirma Kundera, em epígrafe, o ser que se distingue dos demais, das generalizações, porque é único, mas que precisa ser desvendado, descoberto no outro.

A filosofia bakhtiniana encontra seus direcionamentos iniciais na obra *Para uma filosofia do ato* (PFA, daqui em diante), escrita no período de exílio à ditadura stalinista na Rússia/União Soviética, entre os anos de 1920 e 1924 (EMERSON, 2003). Esta obra, que não chegou a ser publicada pelo autor, é o segundo trabalho de Bakhtin, após a produção de *Arte e responsabilidade*, e centra as discussões que, mais tarde, o Bakhtin-pensador viria a trilhar, conforme ressalta Sergei Bocharov (1997, p. 5), na introdução à edição russa: “aqui encontramos o contato filosófico de toda uma série

de ideias principais, que posteriormente se desenvolveram ao longo de mais de meio século de sua atividade de pensador”.

Sobral (2008, p. 221), em seus estudos acerca de PFA, destaca que a obra está dividida em quatro eixos de discussão filosófica:

Em *primeiro* lugar, os atos humanos no mundo concreto (ou “a arquitetônica do mundo vivido” (SOBRAL, 2005a, p. 17)). Em *segundo*, o ato estético como agir ético (SOBRAL, 2005a, p. 17), ou seja, de como as obras de arte literária envolvem uma dimensão ética que impõe ao criador uma responsabilidade pela junção entre a vida concreta (o mundo vivido) e a criação artística (o mundo representado). [...] Em *terceiro* lugar, a ética na política, que nunca foi abordada diretamente, embora se possam encontrar vestígios dela nos vários textos. [...] Por fim, a ética da religião, uma questão sempre presente para Bakhtin, inclusive ao tratar da questão da empatia e do amor como parte de suas concepções estéticas [...].

PFA, no entanto, não nos permite remeter, de forma imediata e clara, aos fundamentos que lhe deram sustentação, ainda que na obra haja citações esparsas de filósofos variados, como Kant, por exemplo, autor de grande importância para o pensamento de Bakhtin; bem como de Husserl, Bergson etc. Estudos têm sinalizado alguns dos fundamentos filosóficos aos quais Bakhtin recorreu para a elaboração de seu pensamento (SAMPAIO, 2012; SOBRAL, 2008, 2005). Dentre os filósofos com os quais dialoga, encontramos Heidegger que, para Todorov (apud AMORIM, 2012), foi a fonte na qual Bakhtin bebeu para a elaboração da ideia do diálogo como condição da linguagem, tão cara a seu pensamento. Heidegger, junto a Husserl, constitui o marco da Fenomenologia que nutriu o pensamento

de Bakhtin em PFA (SAMPAIO, 2013a, 2013b); é um autor-chave na intertextualidade bakhtiniana (AMORIM, 2012).

Partindo, portanto, da complexidade que envolve a compreensão dos fundamentos filosóficos do pensamento de Bakhtin em PFA, neste trabalho, colocamos em diálogo a discussão do filósofo russo acerca do ser com a fenomenologia ontológica de Heidegger, estruturada em várias obras, mas analisada especificamente em *Ser e tempo* e *Sobre a questão do pensamento*. Nosso objetivo, com isso, além de contribuir com a sinalização de alguns dos fundamentos filosóficos do pensamento de Bakhtin, é compreender como a filosofia desse autor, a partir desses fundamentos, constitui possíveis caminhos para a abordagem do ser nas práticas discursivas, na linha da teoria dialógica da linguagem.

Procedimentos metodológicos

O presente estudo é de caráter teórico-bibliográfico, no qual o *corpus* propriamente dito é constituído pelas obras *Para uma filosofia do ato*, de Bakhtin – tomada, aqui, em sua versão espanhola *Hacia una filosofía del acto ético*, de Bajtin² (1997) –, e *Ser e tempo* e *Sobre a questão do pensamento*, de Heidegger, cuja materialidade linguística permitiu-nos colocar, em diálogo, os conceitos *acontecimento do ser* e *tonalidade emocional-volitiva*, de Bajtin (1997), e *Dasein (ser-aí)*, *Ereignis (acontecimento)* e *encontrar-se/afetividade*, de Heidegger (2012, 2009).

A partir da leitura dessas obras, aplicou-se o método dialógico cujo conceitual analítico pressupõe o estabelecimento de relações de sentido

2. Optamos por analisar a versão espanhola por esta ter sido traduzida diretamente do russo, diferentemente da versão brasileira (BAKHTIN, 2010). A partir de agora, sempre que formos nos referir a PFA, em sua versão espanhola, citaremos o nome em espanhol de seu autor, a saber Bajtin (1997).

entre os discursos filosóficos em questão, tomando-se em consideração “que a expressão do pensamento participativo, como ato responsável, é materializado na *palavra*, o que equivale dizer, no texto e no discurso” (SAMPAIO, 2013c, p. 14). Sendo assim, a compreensão das obras “passou pelo princípio do agir dialógico, por parte do pesquisador”, o qual pressupõe “um deslocar-se do ato/ação (e contexto) contido no texto-fonte (Hacia una filosofía del acto ético), assinado por Bajtin, e contrastá-lo com os atos/ações (e contextos) contidos em outros textos”, assinados por Heidegger, “já que o vir-a-ser, tanto em relação ao ser-evento como do sentido, inscreve-se na diferença, na relação de alteridade que se estabelece entre o eu e o outro” (SAMPAIO, 2013c, p. 15).

Na obra citada (BAJTIN, 1997), exploramos, pois, passagens nas quais o filósofo problematiza o conceito *acontecimento do ser*, buscando construir uma compreensão do modo como este conceito se constituiu em meio à arquitetura bakhtiniana³. Da mesma maneira, analisamos a construção do conceito *tonalidade emocional-volitiva*. Feito isso, nos debruçamos sobre as obras referidas de Heidegger, analisando, de forma mais específica e sistemática, a construção do conceito *ser-aí*, sua relação com o *Ereignis*, e o conceito *tonalidade afetiva*. Buscamos, assim, tecer fios dialógicos possíveis entre ambos os filósofos, com o intuito de compreender os fundamentos da *filosofia do ato* de Bakhtin, de modo a contribuir para a exploração da problemática do acontecimento do ser na linguagem dentro do viés da análise dialógica do discurso.

3. A arquitetura refere-se aos planos de determinação valorativa do mundo entre mim e aqueles que são todos outros para mim e que só pode ser construída pela minha ação responsável (BAJTIN, 1997).

Bakhtin em diálogo com Heidegger: caminhos para a compreensão do ser como *acontecimento*

Em defesa da compreensão do ser como *acontecimento*, Bajtin (1997) traça uma longa e complexa discussão em PFA. A obra, inacabada e com sua parte inicial perdida (ao fazermos sua leitura, encontramos Bajtin já no desenvolvimento de sua argumentação, consistida em um movimento de repetições, como lembra Amorim (2012)), exige do leitor paciência e atenção. Das vezes que retomamos sua leitura, identificamos algo que pareceu passar despercebido nos contatos anteriores. Justifica-se isso pelas condições em que fora produzida (em exílio, no Cazaquistão), tratando-se, na verdade, de um rascunho não produzido para publicação (até mesmo seu título fora cunhado pelos editores russos), com trechos ilegíveis. Um rascunho das ideias futuras ou, como afirma Faraco (2010, p. 148), no pos-fácio à edição brasileira: “encontramos o autor esquentando os músculos para a grande caminhada de meio século que se seguirá.”

Além disso, Bajtin, que, ainda conforme Faraco (2010), apresentava ressalvas com citações (chegando a afirmar que elas são desnecessárias para o leitor competente e inúteis para o não qualificado), findou por dificultar ainda mais nossa leitura ao não deixar claro o fundamento filosófico ao qual alinhou-se, como afirmamos na Introdução deste trabalho. Heidegger, por exemplo, não chega a ser citado diretamente por Bajtin, apesar de ser considerado um autor fundamental com o qual o russo dialogou. Nosso esforço, aqui, é traçar diálogos consistentes para a defesa de que a filosofia heideggeriana perpassa a *filosofia do ato* de Bajtin (1997), quando da compreensão do ser como *acontecimento*, bem como de que esta filosofia sinaliza caminhos pertinentes para a abordagem do ser em produções de linguagem.

O *acontecimento* é um conceito caro à filosofia bakhtiniana. Compreender o ser como um *acontecimento* significa romper com a tradição

científica e filosófica quando da abordagem do sujeito no emaranhado das generalizações. Significa abrir espaço à posição singular que o ser assume em suas ações concretas, no mundo da vida ou no mundo da arte, na real interação com outro, mediada pela linguagem. Acontecimento porque nada está pronto, determinado, previamente constituído, antecipadamente calculado. É neste horizonte que Bajtin compreende o ser como um *vir a ser*, ou seja, como um processo ininterrupto de constituição. No mundo generalizante da ciência, o ser é esquecido; este mundo é indiferente ao ser, na verdade, porque não leva em consideração o seu acontecimento; quer dizer: não cede espaço ao modo como o sujeito vê e valora o mundo, a partir de uma posição singular e irrepetível.

Ao tratar do mundo da ciência, o filósofo remete ao que chama de ‘pensamento abstrato’, ‘mundo teórico’, ou ‘conteúdo semântico de um pensamento’ [científico], para o qual é impossível qualquer orientação da vida prática: “É impossível qualquer orientação prática de minha vida no mundo teórico, no qual não se pode viver, nem atuar responsavelmente; eu não sou necessário neste mundo, não estou nele por princípio⁴.” (BAJTIN, 1997, p. 17). O mundo da ciência, cabe lembrar, ao qual Bajtin remete, é o mundo do fazer-científico tradicional, positivista, de seu tempo. Estamos tratando de uma obra escrita nos princípios do século passado, que, no entanto, pode-se fazer atual se entendermos que muitas das pesquisas científicas são orientadas, ainda hoje, por categorias analíticas bastante sedimentadas, “(re)utilizáveis” em pesquisas diversas, com objetos de investigação específicos e diferentes entre si; com *acontecimentos* situados em contextos delimitados, mas que findam por ser abordados sempre na dimensão do repetível, como se todos os sujeitos fossem iguais.

4. A tradução para o português de toda citação direta, advinda da versão espanhola *Hacia una filosofía del acto ético*, é de nossa responsabilidade.

Em contraposição a esse mundo, Bajtin (1997) defende que é apenas mediante o ato ético, responsável, que o sujeito manifesta seu acontecimento e que, portanto, para dar conta do ser, o pensamento científico precisa ser ético: “O mundo como conteúdo do pensamento científico é um mundo singular, autônomo, mas no isolado, senão integrado, mediante o ético real, no único e global acontecimento do ser” (BAJTIN, 1997, p. 20). Entendamos, aqui, o ato ético como a manifestação singular do ser no mundo que, por ser realizada por um sujeito real e único, é de sua responsabilidade. Somos responsáveis por nossos atos, nossas compreensões, nossas formas de ver e valorar o mundo. Não temos alibi para a existência, lembra Bajtin (1997). E, sendo sujeitos éticos e responsáveis, estamos, a todo instante, sendo convidados a participar. Não podemos ser indiferentes ao mundo; estamos sempre, e inalienavelmente, mergulhados na esteira do diálogo, do pensamento participativo.

Heidegger (2012), neste sentido, em contraposição à abordagem científica e filosófica/metafísica do ser, ao longo da história do mundo ocidental, sinaliza a necessidade, logo nas primeiras linhas de *Ser e tempo*, de uma expressa pergunta pelo ser, a qual fora esquecida desde a Antiguidade Clássica. Para Heidegger (2012), na tradição dos estudos filosóficos, o ser fora abordado do ponto de vista entitativo; quer dizer: o ser sempre fora confundido com o ente, uma vez que aquilo que lhe constitui estivera sempre posto em plano de inexistência para a filosofia. É neste sentido que Heidegger coloca a questão do ser em oposição ao ente, sinalizando um método fenomenológico para a compreensão do *ser-aí*, ou do *ser-no-mundo*, que não está dado como um objeto, como *presença* determinada pelo tempo, mas que se constitui como *presentificação*.

Heidegger (2012, 2009) utiliza o conceito de presentificação para remeter à dimensão ontológica do ser, ou seja, do que lhe permite ser ser, de fato. Quando compreendido do ponto de vista entitativo, ôntico, objetual, o ser aparece na esteira da filosofia como uma presença. O *ser-aí*,

portanto, nada mais é que um objeto. Do contrário, abordado do ponto de vista ontológico, o ser-aí é compreendido como algo que presentifica-se. Ou seja, não como uma presença apenas, mas cuja presença só se realiza na medida em que o ser repousa sobre ela. Sinalizar o ser-aí como presentificação, é, portanto, entender o sujeito não como algo dado e delimitado, tal como Bakhtin (1997) critica ao relacionar esta compreensão ao mundo generalizante da ciência, mas entender que o sujeito presentifica-se em suas vivências, ao longo do tempo; o sujeito, portanto, *acontece*.

Bakhtin e Heidegger, segundo nosso ponto de vista, estão preocupados em estabelecer uma abordagem do ser guiada pelo não universal, abstrato, mas por aquilo que lhe é essencial: seu acontecimento, cuja realização só pode se dar através no mundo das ações, das vivências. É neste sentido que entendemos haver diálogo entre os filósofos, o que, em outras pesquisas, já vem sendo sinalizado (SAMPAIO, 2013a, 2013b, 2012). O quadro 1 abaixo apresenta passagens das obras de Heidegger e Bakhtin anteriormente mencionadas, permitindo-nos visualizar suas relações de dialogicidade:

Quadro 01

Heidegger	“O ser, pensá-lo propriamente, exige que se afastem os olhos do ser na medida em que, como em toda metafísica, é explorado e explicitado apenas a partir do ente e em função deste, como seu fundamento. Pensar o ser propriamente exige que se abandone o ser como fundamento do ente em favor do dar que joga velado no desvelar, isto é, em favor do dá-Se. Ser, como dom deste dá-Se faz parte do dar-se. Ser enquanto dom não é expulso do dar. Ser, pre-sença é transformado. Como presentificar faz parte do desocultar, permanece incluído no dar como seu dom. Ser não é. Ser dá-Se como o desocultar do presentar.” (HEIDEGGER, 2009, p. 12)
-----------	---

Bajtin	“O mundo teórico obtém-se em uma abstração de princípio com respeito ao feito de meu único ser e de seu sentido ético, é concebido ‘como se eu não tivesse existido’, e esta concepção de um ser para o qual é indiferente o feito, que para mim é central, de minha comunhão real e singular com o ser (eu também sou) [...] esta concepção teórica não pode oferecer nenhum critério para a vida prática, para a vida do ato ético, <i>eu não o habito</i>, e se este ser teórico tivesse sido o único, eu não haveria existido.” (BAJTIN, 1997, p. 17, grifos do autor)
--------	---

Heidegger (2009), no trecho acima, aponta que, na abordagem do ser propriamente, faz-se necessário o afastamento do viés metafísico, cujo fundamento encontra-se no ente, ou seja, na presença. Para o filósofo, “presença significa o constante permanecer que se endereça ao homem” (HEIDEGGER, 2009, p. 19), uma vez que sem a presença, ou sem o ente, o ser não tem condição de existir; ao sujeito, a presença é endereçada, mas sua existência, por outro lado, é também dependente da dimensão ontológica do ser. Uma relação de mútua constituição. Bajtin (1997) neste mesmo sentido, vem defender que é na vida prática que o ser acontece – em sua dimensão ontológica –, no mundo de fato vivido, e não no conteúdo semântico da ciência – em sua dimensão ôntica, entitativa, no dizer de Heidegger. A razão científica, teórica, é, pois, apenas um momento possível da vida prática:

Toda a razão teórica não é senão um momento da razão prática, ou seja, da razão que vem da orientação moral de um sujeito no acontecimento singular do ser. Este ser não pode se definir em categorias de uma consciência teórica indiferente, uma vez que se determina mediante as categorias da comunicação real, ou seja, de um ato ético, nas

categorias de uma vivência eficientemente participativa da singularidade concreta do mundo. (BAJTIN, 1997, p. 20)

Neste horizonte de abordagem do ser, Heidegger (2009) ressalta que o *Dasein*, ou o *ser-aí*, é determinado por seu acontecimento. Aparece aqui o conceito *Ereignis*, que nos leva a entender que o ser só o é mediante seu acontecimento-apropriação. Antes, o autor explica a relação *ser e tempo*, sinalizando que o tempo, também, não é uma determinação “objetual”, uma vez que o tempo não é, mas dá-se tempo. O ‘se’ do dá-se só pode ser sustentado por meio do acontecimento (*Ereignis*). O *Ser-aí*, portanto, não sendo algo dado, mas a *presentificação*, só pode “repousar” na presença por meio do *Ereignis*. O acontecimento é responsável pela manifestação do ser na presença, fazendo dele, portanto, ser. O ser alcança a presença, é seu “destino”:

O alcançar, porém, repousa, junto ao destinar, no acontecimento-apropriação, no acontecer-apropriar. Este, isto é, o elemento característico do *Ereignis*, determina também o sentido daquilo que aqui é denominado: o repousar.

O que acabamos de dizer permite, obriga até, de certo modo, a dizer como o *Ereignis* não deve ser pensado. Não podemos representar o que vem designado como o nome de *Ereignis*, guiados pela semântica ordinária; pois esta compreende *Ereignis* no sentido de acontecimento e fato – e não a partir do apropriar como o alcançar e destinar iluminador e protetor (HEIDEGGER, 2009, p. 28).

Heidegger e Bakhtin, neste caminho para a compreensão do ser, cuja manifestação dá-se no mundo das ações, através de seu acontecimento, problematizam a dimensão *afetiva e emocional-volitiva* que perpassa o

acontecimento do ser. Ou seja, para eles, mediante o acontecimento do ser, sua realização, no mundo, revela o aspecto afetivo do sujeito (Heidegger) e emocional-volitivo (Bajtin), ao qual o sujeito não se pode fazer indiferente.

Em Heidegger (2012), a *afetividade* é apontada como o *encontrar-se* do ser. Não um encontrar-se perceptivamente, objetualmente, mas o reconhecimento do ser mesmo no mundo, do ser-aí, em sua presentificação, a qual revela sempre um estado-de-ânimo. Na tradução para o francês de *Ser e tempo*, a noção do encontrar-se surge como *l'affection*, remetendo, portanto, à afetividade. Esta afetividade constitui-se como determinação existencial para o ser, o que significa dizer que, sem ela, não há existência. Ou seja, a afetividade é condição existencial para o ser, pois ele mesmo sempre está imerso em um “estado-de-ânimo”. Entendamos como “estado-de-ânimo” a afetividade do ponto de vista ôntico, ou entitativo; quer dizer: a afetividade, ou o encontrar-se, que se encontra no plano ontológico, pode ser entendida, onticamente, como o estado-de-ânimo do ser.

Como condição existencial do ser, o encontrar-se, para Heidegger (2012), permite a abertura do ser ao mundo, em seu “estar-lançado”, de modo que, ainda que o ser insista na busca pelo saber e querer do estado-de-ânimo, ele mesmo já estará lançado em um estado-de-ânimo. Em outras palavras: a busca pela compreensão do encontrar-se parte já da inserção do ser em um encontrar-se, uma vez que dele não se pode afastar.

Este pensamento opõe-se às concepções de afetividade, com relação ao ser, advindas da Psicologia e da Filosofia. Heidegger (2012) aponta que a tonalidade afetiva, sob os nomes de “paixão” e “sentimentos”, não é constituída por aspectos de cunho estritamente fisiológico, que remete à percepção sensorial das coisas. Destacando que, ao longo da história, não houve atenção ao fato de que o passo dado por Aristóteles, acerca do

tema, apresenta apenas um aspecto digno de menção, Heidegger aponta que “paixões e sentimentos caem tematicamente sob a classificação de fenômenos psíquicos” e que é “um mérito da investigação filosófica propor uma visão mais livre desses fenômenos.” (HEIDEGGER, 2012, p. 397). Quer dizer, da interpretação ontológica de Aristóteles acerca dos princípios afetivos do ser, entendeu-se a afetividade, mais tarde, como uma atividade psíquica, o que resultou no esquecimento de sua dimensão originária e existenciária para a abertura do ser ao mundo.

Bajtin (1997), em sua filosofia do ato, ao abordar este aspecto para a existência do ser, em seu acontecimento, sinaliza a *tonalidade emocional-volitiva* também como condição existencial, uma vez que, responsável que é por seus atos concretos no mundo vivido, o pensamento do sujeito não pode se abster da dimensão emocional-volitiva do acontecimento do ser, sendo, portanto, um pensamento participativo, com o qual ele valora o mundo. Surge, assim, nesta perspectiva, o componente axiológico para a existência, aspecto tão bem colocado por Bajtin (1997), em sua problemática, e que parece ir além daquilo que nos legou Heidegger. Para os filósofos, seja por se tratar de uma determinação existenciária, que revela o sujeito, seu estar-lançado (HEIDEGGER, 2012), seja por se dar mediante um pensamento participativo (BAJTIN, 1997), da afetividade e da tonalidade emocional-volitiva, respectivamente, o sujeito não pode se distanciar, tal como podemos identificar nas passagens que seguem:

Quadro 02

Heidegger	O ‘que é e tem de ser aberto’ no encontrar-se do <i>Dasein</i> não é aquele “que” exprime a fatualidade categorial, ontologicamente pertinente à subsistência, a qual só é acessível numa constatação visual. Ao contrário, o que é aberto no encontrar-se tem de ser concebido como determinidade existenciária do ente que é no modo do ser-no-mundo.
-----------	---

	[...] O encontrar-se é um modo existencial fundamental em que o <i>Dasein</i> é o seu “aí”. Ele não só caracteriza ontologicamente o <i>Dasein</i>, mas, fundado em seu abrir, tem ao mesmo tempo uma significação metódica de princípio para a analítica existencial. (HEIDEGGER, 2012, p. 399).
Bakhtin	Nenhum conteúdo seria realizado, nem um só pensamento seria efetivamente pensado, se não se estabelecesse um vínculo essencial entre o conteúdo e seu tom emocional e volitivo, ou seja, seu valor sustentado autenticamente por quem o pensa. Viver ativamente uma vivência, pensar um pensamento, quer dizer, não estar absolutamente indiferente até ele, senão sustentá-lo emocional e volitivamente. Um verdadeiro pensar, concebido como ato, é o pensamento emocional e volitivo, o pensamento entonado, e esta entonação penetra substancialmente em todos os momentos do conteúdo do pensamento. Um tom emocional e volitivo abarca todo o conteúdo semântico do pensamento no ato e o relaciona com o acontecimento singular do ser. Justamente este tom emocional e volitivo é o que se orienta no ser singular, assim como orienta e sustenta nele um conteúdo semântico (BAJTIN, 1997, p. 41-42).

Conforme Heidegger, o que é aberto, na afetividade, enquanto encontrar-se, não é a factualidade categorial, ou seja, o fato ôntico, entitativo, que se constata visualmente, numa percepção física, mas a existência do ser-no-mundo. O ser, portanto, é determinado pela afetividade, seu encontrar-se e, além disso, sua existência deve ser analisada metodologicamente sob o princípio da afetividade. Bakhtin (1997), em medida parecida, destaca que nenhum conteúdo pode ser realizado sem a dimensão emocional-volitiva que o perpassa, uma vez que existir significa não ser

indiferente ao mundo, sendo, pois, mediante um pensamento participativo, que revela minha valoração do mundo, que o ser se realiza em seu acontecimento. A orientação da singularidade do ser encontra-se no aspecto emocional-volitivo; revela seu posicionamento, seu apreciação, aquilo que lhe constitui axiologicamente.

Entendemos, com isso, que ambos os filósofos encontram-se em diálogo na medida em que sinalizam para a afetividade e a dimensão valorativa do sujeito o caminho que permite ao ser seu acontecimento. Isso significa dizer que, é através do modo como o sujeito vê e valora o mundo, através da linguagem, que o sujeito manifesta sua singularidade, seu acontecimento; ou seja, apenas mediante o ato ético, com o qual o sujeito revela-se e arrisca-se por inteiro, sem álbi para a existência. Destaque-se, aqui, a importância da linguagem, atribuída por Bakhtin, para o acontecimento do ser:

Para expressar intrinsecamente o ato ético e o acontecimento singular do ser dentro do qual o ato se leva a cabo, se requer toda a plenitude da palavra: a unidade de seu aspecto de conteúdo semântico (palavra como conceito), de seu lado expressivo e ilustrativo (palavra como imagem), assim como da entonação emocional e volitiva. E em todos esses momentos a palavra plena e global pode expressar uma verdade responsavelmente significativa, que não uma verdade casual e subjetiva. Desde agora, *não é ilícito exagerar a força da linguagem: o acontecimento do ser singular e único e o ato ético que nele participa são, por princípio, expressáveis*, mas de feito se trata de um problema muito difícil, de modo que a adequação completa resulta inalcançável, apesar de ser sempre plantada (BAKHTIN, 1997, p. 39, grifos nossos).

Aparece, aqui, a importância da linguagem para o acontecimento do ser, perpassado pela dimensão emocional-volitiva que revela aquilo que lhe é único, irrepetível, singular, de forma *responsável* e *participativa*. Na linguagem, construímos verdades não casuais, mas responsavelmente significativas, as quais assino e pelas quais manifesto minha entonação. Requer-se, pois, a plenitude da palavra, ou seja, do texto/discurso, para que o sujeito manifeste-se como acontecimento. Sem linguagem, assim sendo, não há ser no mundo das ações concretas. Neste sentido, o *outro* passa a ser entendido como elemento constitutivo do eu, uma vez que é através da interação com o outro, por meio da linguagem, que a singularidade, a unicidade, do eu constitui-se. A linguagem é a atividade pela qual a interação acontece.

Heidegger (2012), neste caminho, destaca que a linguagem tem suas “raízes” na constituição existenciária do ser; da abertura do *Dasein* ao mundo; de seu estar-lançado, mediante o encontrar-se na afetividade. A linguagem, para o filósofo, é manifestada no discurso: “O fundamento ontológico-existenciário da linguagem é o discurso” (HEIDEGGER, 2012, p. 453), sendo, pois, o discurso existencialmente originário, uma vez que, para a manifestação do encontrar-se do ser, na afetividade, e de seu entender, ou seja, de sua compreensão, faz-se necessário o discurso:

A linguagem é o ser-expresso do discurso. Essa totalidade-palavra, como aquilo em que o discurso tem um próprio se “de mundo”, como ente-do-interior-do-mundo, pode ser encontrada como um utilizável. [...] O discurso é existencialmente linguagem, porque o ente cuja abertura ele articula conforme-a-significação tem o modo-de-ser do ser-no-mundo dejectado, remetido ao “mundo”. (HEIDEGGER, 2012, p. 455)

[...]

Porque o discurso é constitutivo do ser do “aí”, isto é, do encontrar-se e do entender, é que o *Dasein* significa ser-no-mundo; o *Dasein* como ser-em que discorre já se expressou. O *Dasein* tem linguagem. (HEIDEGGER, 2012, p. 465)

Podemos concluir, com isso, que, tanto para Bakhtin quanto para Heidegger, é pela linguagem, pela “plenitude” da palavra, pelo discurso que o ser se manifesta, em seu encontrar-se, uma vez que é a linguagem sua originariedade existencial. Ou, como coloca Bakhtin, a manifestação do ser, mediante a tonalidade emocional-volitiva, requer a plenitude da palavra; quer dizer: do texto, do discurso.

Dos diálogos realizados entre as obras de Bakhtin e Heidegger, podemos sinalizar duas percepções: (1) de forma mais específica, Heidegger parece estar preocupado em estabelecer um contraponto à abordagem tradicional do ser ao longo da história ocidental, na filosofia, de modo a elaborar uma fenomenologia ontológica que pense o ser como presentificação e não como presença dada no mundo. Neste sentido, Bajtín parece lançar mão do pensamento heideggeriano para a elaboração também de uma fenomenologia ontológica, orientada pela teoria do ato responsável, à qual subjaz uma concepção de sujeito como acontecimento singular participativo e responsável; (2) ambos os filósofos sinalizam um caminho metodológico para a abordagem do ser que leve em conta seu aspecto afetivo e emocional-volitivo, uma vez que é neste horizonte que o ser constitui seu estar-lançado, seu encontrar-se no mundo (HEIDEGGER, 2012) e que manifesta sua singularidade, valorando e apreciando o mundo concreto de forma participativa e responsiva (BAJTIN, 1997).

Considerações finais

Concluimos, com a presente pesquisa, que (1) o encontrar-se do Ser, no mundo, em sua ação concreta, é determinado pela afetividade e pela tonalidade emocional-volitiva que o perpassa, aspecto este que aparece como um caminho metodológico pertinente para a compreensão do ser na linguagem, tal como nos fazem entender os filósofos em análise; (2) Bakhtin, ao remeter a existência ao pensamento participativo, à responsabilidade do ato ético e ao componente axiológico de orientação do Ser, vai além da discussão desenvolvida por Heidegger com relação à afetividade. Estes direcionamentos nos parecem pertinentes para uma mudança de paradigma na pesquisa das Ciências Humanas, na medida em que propõem um fazer-científico que não se esgote na abordagem universal do ser, mas que dê abertura a seu real acontecimento.

Entendemos, com isso, que a compreensão do ser como *acontecimento que presentifica-se na linguagem*, a partir do ato ético responsável, orientador do modo como o sujeito vê e valora o mundo, é fundamental para a abordagem do sujeito em produções discursivas, uma vez que dá abertura à posição singular e irrepetível que o ser assume no mundo das ações concretas, na interação com o outro. Essa posição concretiza-se no horizonte da tonalidade emocional e volitiva, ou seja, no modo como o sujeito valora, acentua, o mundo e os outros. Um sujeito cuja singularidade é axiologicamente constituída no plano da alteridade, em sua manifestação ética e responsável.

Referências

AMORIM, M. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 17-43.

- BAJTIN, M. M. *Hacia una filosofía del acto ético: de los borradores y otros escritos*. Trad. Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthropos, 1997.
- BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Vladimir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro e João editores, 2010.
- BOCHAROV, S. Introducción. In: BAJTIN, M. *Hacia una filosofía del acto ético: de los borradores y otros escritos*. Trad. Tatiana Bubnova. Barcelona: Antropos, 1997.
- EMERSON, C. *Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- FARACO, C. A. Posfácio meio impertinente. In: BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Vladimir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro e João editores, 2010.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. São Paulo: Unicamp/Vozes, 2012.
- _____. *Sobre a questão do pensamento*. São Paulo: Vozes, 2009.
- KUNDERA, M. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SAMPAIO, M. C. H. *A experiência com a linguagem em Bakhtin e Heidegger*. Trabalho apresentado no Intercâmbio Nacional de Pesquisas em Linguística Aplicada – INPLA, UNICSUL/PUC-São Paulo: 2013a.
- _____. A propósito de Para uma Filosofia do Ato (Bakhtin) e a Pesquisa Científica nas Ciências Humanas. *Bakhtiniana*, n. 1, 2009, p. 42-56.
- _____. *Dimensão ontológico-hermenêutica no pensamento ético bakhtiniano e heideggeriano e construção do sentido*. Trabalho apresentado no Encontro Anual do GP/CNPq Linguagem, Identidade e Memória. UNICSUL/PUC-São Paulo: 2013b.
- _____. Origens da filosofia ética da linguagem em Bakhtin: releituras da metafísica e da fenomenologia ontológico-hermenêutica. *Projeto de pesquisa*. Recife: PGLetras-UFPE, 2013c.
- _____. Origens filosóficas da ética em Bakhtin: releituras da metafísica e da fenomenologia ontológico-hermenêutica. In: ZANDWAIS, A. (org.) *História das ideias: Diálogos entre linguagem, cultura e história*. Passo Fundo: Editora de Passo Fundo, 2012, p. 192-215.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-36.

_____. O Ato “Responsível”, ou Ato Ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 11/1, p. 219-235, jul. 2008.

Recebido em: 22/06/15

Aceito em: 06/07/15